

# A L A G R I O A

QUINZENARIO ILLUSTRADO

1884-1898



## Bombeiros

*A entusiasta e prestante Associação H, de Bombeiros Voluntarios Barcellenses inaugura hoje o bello edificio, que acaba de construir no largo José Novas.*

*Se a nova installação satisfaz completamente o desejo de quantos se interessam pelos progressos materiaes de tão benemerita sociedade pelas boas condições da casa referentes*

*a esthetica, ar e luz, o espirito do analysta eleva-se ás regiões mais agradaveis ao contemplar os beneficios da vontade tenaz alliada aos impulsos dos corações generosos.*

*Diz-se que tudo se esboroa na terrivel degradingolade que attingiu a sociedade portugueza.*

*Nem tudo: Ao lado do muito que cae, alguma coisa se levanta que permanece e fructificará.*

*Aquilo que tiver uma base radicada no bem estar colectivo ha-de não só reben-  
tar em vantagens positivas como profundar em estabilidade.*

*Quantos concorreram para o inicio, augmento e progresso de tão bella instituição, como a que hoje aquí celebramos n'estas linhas desconexas, são dignos do maior elogio porque trabalham em prol da Patria e da Humanidade.*

*Avante, ardentes e dedicados barcellenses.*

NOTAS DA QUINZENA



Ha pessoas, diz o nosso mestre Smiles, que, por desgraça sua, têm assim o coração fechado á generosidade.

Os individuos mais desagradaveis são aquelles que «tomam lugar de escarneceadores»; elles muitas vezes consideram-se como que offendidos pessoalmente quando outros são bem succedidos, mesmo em alguma obra meritoria: não podendo ouvir os louvores dirigidos a outros.

O invejoso diz:

«Não temos sobeja razão de detestá-lo  
«Quando o ceu tão bem soube dotá-lo.»

D'este genero de pessoas está a villa eivada, e, quando aquellas que merecem respeito e admiração pelo seu talento e trabalho, se estadeiam em toda a pompa, a maledicencia sae « campo e manobra a poderosa arma chamada—língua.

«Da lingua se originam tolos os bens e todos os males», diz-nos um contemporaneo de Vieira.

E mais:

«De maneira que, fallar ornando e dizendo bem, é fallar; mas fallar desdourando e dizendo mal, não é fallar.» Pois os que murmuram não fallam. Não. Picam, mordem, descosem, cortam, racham e abrazam. Picam com agudeza, mordem com raiva, descosem com arte, desfazem na honra, cortam pelo credito, racham os emulos e abrazam os innocentes. Em conclusão: dizer e fazer mal é uma e a mesma coisa.»

\*

O nosso patricio Manuel da Graça atirou á luz da publicidada, por pandega, em hora de bom humor, em hora de bohemia risonha, uma producção em verso com o titulo—«A esquadra Hespanhola ou a intervenção divina. MILAGRE»—na qual o engenho poetico do nosso amigo brinca como os rapazes saltando por sobre as fogueiras, nas poeticas e lendarias noites de S. João.

O seu fim não foi assignalar uma obra d'arte; revolucionar uma epocha litteraria, com certa novidade contra as praxes estabelecidas; visou unicamente isto: mostrar ao povo, do concelho, principalmente, que a intervenção divina tem feito victoriosa a Hespanha e continuará a fazel-a—contra os Estados-Unidos.

Ouçamos:

«A Hespanha ha de vencer  
Essa nação protestante,  
Com feitos d'alta bravura,  
Mas d'um brilho captivante

Ora «os fins justificam os meios», dizem, e o fim do trabalho do filho de Barcellos foi conseguir do *Pedro do Janeiro*, 2:000 reis, que foram gastos em roda amiga, no meio da maior pandigabilidade tainante.

Os versos andaram quinta-feira de mão em mão—como as pombinhas da *Cabrina*—ao sol doirado d'este amavioso maio.

Qualquer espirito que não fosse mesquinho, via em tudo isto a nota ligeira e cantante do poeta, em cujo cerebro nadam as alegrias como a garotada em pleno Cavaço.

\*

Assim como Temistocles se tornava melancolico sabendo da gloria de Milciades; chorava Tucideles ao ouvir Herodoto ler a sua historia; Demosthenes se inflamava com a influencia oratorica de Callistrato; Francisco de Medici nunca fallava de Miguel Angelo sem se descobrir e Julio III o fazia sentar ao seu lado, deixando de pé os carleaes, e uma vez Ticiano apanhava pressuroso o pincel cahido das mãos do pintor, assim nós outros, d'esta terra bordada de salgueiros, e alagada do vegetação amena, collocamos acima da maledicencia barcelense—o talento, o supremo, o lidimo talento de Manuel da Graça.

\*

Ahi fica, no começo d'estas notas, uma das gravuras que illustram a publicação do Graça.

E' o *Reina Chrisina*, em tempos afunlão nas salsas aguas do mar, e que ha de surgir fundo d'elle, qual D. Sebastião da sua loca tudo por intervenção divina—e quebrar os braços aos americanos...

E ás americanas...

Dizia um dia d'estes o Pegas, entregador d'«Lagrima», na occasião em que se fallava d falta de dinheiro e de alimentos caros:

—«Ora... Quem não tiver 10 reis com trez vintens já compra um rancho.»

A creólito, está visto...

Não foi asneira.

O Francisco Ferreira Faria foi retratar-se ao Julio Vallongo para, em photogravura sair hoje na «Lagrima», como justa homenagem ás suas qualidades de artista, ahí demonstrada no quartel dos Bombeiros.

Anda rheumatico d'um braço e porisso costu ma trazel-o ao peito, suspenso d'um lenço.

E foi como saliu na photographia, em vintude de es quecimento!

Eis a razão por que esta folha não public hoje retrato.

Quem nos informou do desenhido photographico, ouviu o contar ao Julio, por uma frincha.

AOS PATRIOTAS

Diz-se que a typographia Barcellense está habilitada, com pessoal e material, para n'ella se executarem trabalhos concernentes á arte, com perfeição.

A edificação do quartel dos Bombeiros representa, allí onde está, muito sacrificio e muita boa vontade da parte dos seus promotores e dos habitantes d'esta villa.

Excepção para o Nevoeiro, com mercante, em tempos estabelecido ali á beira do jardim publico, que se mostra refractario ao facto.

Senão nomeado socio protector (100 reis por mez) da Associação, recusou-se a tal, assim sem grammatica.

«Nto me é pusilve aseitar por zertos motivos».

Os motivos hão-de necessariamente ser estes.

Ha tempos, que não vão longe, um incendio ameaçou devorar-lhe a sua casa e fazendas e moveis.

Nevoeiro que é baixo e tem voz grossa, berrava, então,—alto como o rinchar d'uma goa n'este mez— que lhe acudissem.

Sozorro! Fogo!

Vae os bombeiros, zás, acodem-lhe trabalhando demodadamente, salvando o predio e haveres d'un de canteiro e em seguida, que ella, Nevoeiro, protegido, fozse buscar a sua gaveta do dinheiro.

Mas é que os bombeiros extinguiram o incendio com agua, molhando-lhe a habitação toda...

Eis ahí os zertos motivos.

Nevoeiro e bem cerrado...

Outro,

O Paulo Duarte é devoto de muitissimos santos.

Vão ver que isto é a proposito...

Sendo convidado para a mesma coisa que o Nevoeiro, disse que «já tinha dado um soldado e mesmo que a sua saude lhe não permitia ser socio».

Qué é doente é.

Trata-se á Kune.

Com agua benta das egrejas d'esta terra...

¿Que tinha dado um soldado? ¿Para onde?

Já sabemos.

Para o exercito de Nosso Senhor.

Pagou a estrada d'irmão para a confraria de Santa Gertrudes a um seu sobrinho.

Agora vejam.

Como é devoto de muitissimos santos agarra-se—quando houver fogo em casa—por exemplo: a S. Gregorio, e dispensa a bomba.

E é d'arramba

Mas Paulo fia-te na Virgem e não corras.

De A. Malheiro:

Eu olhei e tu chaste,  
Eu sorri e tu sorriste,  
Eu corri e tu coraste,  
Eu não fugi e tu fugiste.

Olhas e por eu olhar,  
Sorriste por eu sorrir,  
Coraste por eu correr,  
¿quem foi que te fez fugir?...

O sr. Antonio de Azevedo escreve-nos, amavel e delicado, a dizer algo sobre as nossas referencias ás palavras que pronunciára na festa do Menino Deus.

O que aqui se disse foi filho de informação.

O periodico tem *reporters* como tem redactores.

Quando aquelles a estes merecem respeito e de costume acceitar-lhes a critica ou o simples reparo.

A imprensa é o ecco da opinião publica e ella tem *intermediarios*.

Não esariamos bem collocados, sr. Azevedo, a sustentar uma mentira, sabendo que nos podem ler os srs.:

P.<sup>o</sup> Antonio Monteiro de Lima

Dr. Sá Carneiro

Dr. Nunes da Silva

e outros, *anobrisados*, que estavam presentes no momento em que fallára.

Atinamos, pois, pelo mesmo diapasão, dizendo—segundo o nosso modo de ver, mediante o que nos foi relatado—que o sr. Azevedo, no Recolhimento do Menino Deus, harmonisava melhor as suas palavras com o objectivo da festa—*festa de creanças*—fazendo coisas leves, subtis, simples, que contaminassem gentilmente o cerebro e o coração das meninas, do que poulo em *relevé* a historia da mulher antiga, torpe de sensualidade.

O sr. Azevedo diz-nos ter-se «feito proveito das considerações do sr. dr. Sá Carneiro «respeitantes á transformação que soffreu o Recolhimento, para «fallar não ás creancinhas, mas á sociedade na diminuta parcella que o escutava.»

A sociedade, o pequenino agrupamento humano que se via no Asylo, era composta de creanças e adultos de ambos os sexos.

... Pois se excluia, no seu fito, as creanças, devia, egualmente, excluir as mulheres.

Uma porque eram innocentes, outras porque eram castas.

Não fallava para creanças, não devia, tambem, fallar para mulheres; porque o sr. Azevedo foi um pouco carregado *mas tintas* quanto á situação d'ellas nos «tempos incertos da antiguidade.»

E foi n'esta altura que o sr. Azevedo attribuiu a Luthero a sua regeneração.

Na «epoca que o teve por primeiro fanal da civilização», a educação da mulher soffrera modificações—prolucto d'um revolucionado superior.

Não nos permite a pequenez do nosso quinzenario dizer sobre o caso.

Temos á mão orientadores como Bergiér, Henri Heine de l'Allemagne, Hettinger, Louis Blanc, Cantu e mais.

No entanto, typicamente, diremos que a mis-

ção de Christo foi, no dizer d'um auctorisação, dissipar a affronta que então pesava sobre a mulher, para, em vez de ser, como fôra, instrumento de concupiscencia e animal de carga de casa, se transformar, como transformou, em rainha do coração.

A Elle se deve, pois, extraordinariamente, o ella imperar hoje no lar domestico.

Diz-nos, ironicamente, o sr. Azevedo, que o «vergastamos por ser audacioso em pronunciar o nome de Luthero n'uma casa do Menino Deus.» . . . .

Primeiro que tudo não o vergastamos; não é esse o nosso costume; o passado limpo d'este humilde quizenario, attesta a nossa conducta, ainda nas situações mais criticas e mais difficis.

Achamos que não se devia fallar, *com louvor*, na casa do idolosinho da preta Victoria, do protestante; mas fomos *modernos* em afirmar que se permittem d'essas liberdades.

... Pareceu-nos só, repetimos, que applaudir Luthero em casa do Menino Deus, equivalia á meza do João Oliveira pôr pelas ruas d'Amargura Thiers e fazer o panegirico de D. Carlos I.

... (Com uma differença: o Oliveira ter braços fortes e ser de carne e não pôr duvida em estilhaçar o insensato que a tal se atrevesse — e o Menino, em presença das cousas mais graves, ser immovel; a sua mão direita apontando fixamente a immensidade do Infinito, os seus labios esboçando determinadamente aereo sorriso.)

O sr. Azevedo expõe-nos que o nome de Luthero «foi simples accidente no seu discurso.» (Accidente elogioso. . .)

Que importa isso para a responsabilidade? Têr-se por thema: *Só Deus é grande e Mahomet o seu propheta* e n'elle se afirmar que Calvino gostava e comia das celebres laranjas de doce de Barcellos, quando tal se não podia dar, pois que a edificação do convento em que *famosamente* se fabricavam é muito posterior á sua morte, esse accidente constituia uma inexactidão. . .

Mais ainda.

Nota-nos o mesmo sr. que em vez de dizer, como na «Lagrima» se lia, percebendo-se plagio aos versos de Macedo Papança: *Sair da miseria para entrar no Asylo é o mesmo que vir do inferno ao Ceu*, elle pronunciou est'outra phrase: «...do palacio vai para o collegio e do tugurio vem para o Asylo.»

Mas o sr. Azevedo diz-nos isto debaixo d'esta convicção: «... se a memoria lhe não falha.»

Pois falhou, como succede áquelles fulminantes sem massa.

(Palavra fóra da bocca é pedra fóra da mão. . .)

Foi phrase, diz, «que talvez tivesse pro-

nunciado sem ter que se *envergonhar* d'isso embora de tal se *deprehendesse plagiato* aos versos da «Catarina d'Atahyde», que conheço.

O sublinhado é nosso.

Terminando.

O sr. Azevedo encontra-nos inexactos.

Quando dissemos: — *Voltar do exilio á patria é vir do inferno ao mundo*, erramos trocando mundo por ceu.»

O feitiço d'encarmos este mundo como um céu-aberto, justifica a troca.

\*

Se o sr. Antonio de Azevedo tiver interesse na publicação da sua carta, fazemol-o no proximo n.º

E agradecemos-lhe as referencias que confere ao nosso quizenario.

Entende a civilidade, como medida de respeito, que na igreja os cumprimentos não devem passar de um abaixar de cabeça.

Pois algumas senhoras da nossa terra, com plumas e laçarotes, não o entendem assim, porque, no fim do sacrificio da missa, de costas voltadas para o Sacramento, beijam-se e fazem salto.

A egreja não é pagode mas ellas fazem-o. . .

Um nosso amigo, na «Folha da Manhã», pede á Camara que se ponha cõbro áquillo das regateiras fazerem encarecer os generos de primeira necessidade nos mercados diario e semanal, comprando-os a horas condemnadas, para isso, pelo Codigo de Posturas.

As lavradeiras têm conhecimentos e se vendem ás açambarcadoras, é por que fazem negocio mais rapido e melhor.

Conhecem-lhe mesmo as habitações aonde as procuram, sem irem á feira.

Ahi o busilis.

Ahi vai um remedio.

Como em Barcellos ha muito vadio, sem eira nem beira nem ramo de figueira, podiam ser utilizados, com uma pequena percentagem, em fazerem concorrencia ás contractadeiras, andando pelas aldeias a monopolisar em proveito dos consumidores, os generos encarecidos.

A auctoridade podia tomar conta do assumpto.

Ha falta de milho e abundancia de batota.

A *Moda Illustrada* é publicação ultra recommendavel ás senhoras que desejem andar no rigor da moda.

Traz figurinos, moldes, litteratura, indicações uteis.

Custa a sua assignatura 1:100 reis por trimestre. Assigna-se na rua Aurea, 242, Lisboa.

Typographia Barcellense  
Responsavel—J. Gonçalves da Silva

**A 1:200, 1:400 e 2:000 reis**

Faz-se com gosto e arte o milheiro de facturas na typographia Barcellense, cujo custo está relativo ao seu tamanho. Nos preços que se indicam não está incluido o papel.